

SAÚDE

António MARQUES¹

Na terceira Crítica, Kant dedica algumas páginas (§ 54) ao que poderíamos designar como expressão corporal da experiência estética. Essa expressão é qualificada como **saúde** e o que está em jogo nesse conceito é um equilíbrio de forças vitais, subjectivamente sentido com um deleite (*Vergnügen*) aparentemente da mesma família do comprazimento estético. O corpo é o espaço em que se jogam essas forças. O que Kant tem em mente é a dupla face (mediadora) desse conceito, que por um lado é orgânico, por outro é racional.

Na verdade, do ponto de vista simplesmente estético, o jogo das sensações que percorrem o corpo por ocasião da fruição de uma peça musical, por exemplo, ou simplesmente de uma anedota, promove no sujeito uma vitalidade, um afecto, que ele identifica como sentimento de saúde. A descrição que Kant faz do que ocorre ao nível físico mostra como a experiência estética na última Crítica não é redutível a uma operação cognitiva ou ao sentimento de obediência a uma norma ética. O que é notável é que o afecto que agora é referido - que é sempre expressão individual - tem uma “função vital promovida no corpo, que move as vísceras e o diafragma, numa palavra o sentimento de saúde (...) que constituem o deleite que se encontra em poder chegar ao corpo também pela alma e utilizar esta como médico daquele” (*CFJ*, AA 05: 332; trad. port. p. 239). Esse afecto que envolve todo o corpo, e é designado como saúde, é sem dúvida a expressão mais imediata da experiência estética. Pode parecer que Kant está simplesmente descrevendo uma forma de afecção, com base em informação empírica. Sendo assim, o conceito de saúde pareceria conter um significado meramente expressivo e empírico correspondente a uma experiência estética. É interessante verificar como pode ser descrita empiricamente uma experiência deste tipo de ponto de vista de um naturalismo.

A descrição empírica da expressão estética tem sido objecto de numerosos estudos e frequentemente possui uma base naturalista. Nessa perspectiva essa experiência é originalmente orgânica e corresponde primitivamente a uma “impulsão”, algo que se movimenta para o exterior e em direcção a qualquer coisa, tal como o heliotropismo das plantas. Estamos então perante uma expressão a que se atribui uma qualidade estética. O momento final e superior desse actividade expressiva é a arte, ou melhor, a experiência artística. A experiência estética, mesmo do ponto de vista do naturalismo, requer uma compreensão que vai para além da redução à descrição empírica e por isso

ela é finalmente apresentada por filósofos de pendor naturalista, por exemplo John Dewey, como expressão superior da identidade pessoal. No entanto, para o naturalismo, qualquer presença de um elemento moral ou suprassensível é evitada. Também em Kant, o conceito de saúde designa a expressão do corpo orgânico, ou a força vital que o sujeito sente como *sua* afecção, o que acarreta uma compreensão da experiência estética próxima de um naturalismo empirista. No entanto, deverá falar-se no caso de Kant de uma afecção que resulta de um livre jogo de faculdades que operam sempre na quela experiência, ou seja a imaginação e o entendimento. Sabemos como a objectividade dessa experiência equivale a uma universalidade subjectiva e é esse o princípio de uma dedução da condição *a priori* do juízo estético. Faltava perspectivar essa experiência, por assim dizer, a partir do interior da própria subjectividade e isso é feito, na *CFJ*, através da determinação do conceito de saúde, como afecção primordial ou força vital. Não apenas nesta obra, Kant entende a força vital da experiência estética como possuindo uma face espiritual, para além da face estritamente corpórea como pretendia Epicuro. Essa experiência, necessariamente associada a uma expressão do corpo, é “uma autoapresentação (da humanidade em nós), que nos eleva sobre as nossas necessidades, sem mesmo prejudicar uma única vez o sentimento menos nobre do gosto” (*CFJ*, AA 05: ; trad. port. p. 242). Assim o corpo, enquanto espaço de conjugação harmónica da força vital, ganha um significado verdadeiramente mediador entre o plano da estética e da moral.

RESUMO: O conceito *Gesundheit* na terceira Crítica é um tópico singular no contexto desta obra. Ainda que o termo ocorra em poucas passagens, ele não deixa de cobrir um aspecto relevante da experiência estética, dado que esta não é algo que ocorra num espaço externo, incorpóreo. Pelo contrário. Kant une neste espaço os aspectos intelectuais e físicos dessa experiência, nomeadamente no § 54, uma “Observação” no contexto da dedução transcendental dos juízos estéticos. Neste ponto a importância do conceito não aponta para uma espécie de naturalismo ou mesmo empirismo que suportem a experiência estética. Deve antes ser entendida como um poder vital que é subjectivamente sentido pelo próprio sujeito. Trata-se de uma promoção orgânica de um certo tipo de experiência (a estética) que Kant entende como um espaço unificado de forças múltiplas que exprimem aquela experiência.

PALAVRAS-CHAVE: *saúde, experiência estética, naturalismo, expressão.*

ABSTRACT: The concept of *Gesundheit* in the third Critique is a singular topic in the context of this work. Although the term *Gesundheit* occurs in few passages it covers a relevant aspect of the aesthetic experience, since this is not something that occurs in an external, non-embodied space. On the contrary, Kant unites in this space the intellectual and the physical aspect of that experience, namely in the § 54, an Observation in the context of the transcendental deduction of the aesthetic judgments. At this point the importance of the concept doesn't point out to kind of naturalism or even empiricism supporting the aesthetic experience. It must be understood as a vital power that is subjectively felt by the subject himself. This is an organic promotion of a certain kind of experience (the aesthetic one) that Kant see as a kind of unifying space of the multiple forces that express the aesthetic experience.

KEYWORDS: *health, aesthetic experience, naturalism, expression.*

NOTAS / NOTES

¹ António Marques é professor de Filosofia na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, onde até 2019 dirigiu, durante cerca de 20 anos, o Instituto de Filosofia da Nova (IFILNOVA). Foi bolseiro da *Alexander von Humboldt-Stiftung* (Universität Münster) e professor visitante na *Boston University*. É autor de livros sobre Kant, Nietzsche e Wittgenstein, assim como de diversas publicações em editoras nacionais e estrangeiras.

António Marques is Full Professor at the Department of Philosophy of Faculty of Social Sciences and Humanities, New University of Lisbon (NOVA), where he was director of the Institute of Philosophy (IFILNOVA) during the last twenty years. He awarded an *Alexander v. Humboldt-Stiftung* fellowship (Universität Münster) and was invited researcher at the Boston University. He wrote books on Kant, Nietzsche and Wittgenstein, as well as numerous publications, mainly on topics related to those philosophers.

Recebido / Received: 12.1.2019.

Aprovado / Approved: 20.1.2019.